

RESENHA

A PULSAÇÃO DO PENSAMENTO DE FOUCAULT
NUMA LEITURA-EXPERIÊNCIA*The pulsebeat of Foucault's thought in a reading experience*

Haroldo de Rezende

GONDRA, José; COHAN, Walter. *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

O livro *Foucault 80 anos* é resultado do III Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação, realizado entre os dias 9 e 11 de novembro de 2006, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), ocasião e lugar em que foi feito seu lançamento.

Trata-se de uma obra coletiva organizada a partir dos textos escritos pelos apresentadores das seis mesas-redondas que compuseram o evento, sendo que nem todos os textos do livro correspondem exatamente à apresentação realizada, uma vez que alguns autores/apresentadores, em suas falas, fizeram recortes ou abordagens diversos, em pelo menos alguns aspectos, do que foi feito nos textos escritos, havendo ainda que se considerar as variações que atravessam a apresentação oral de um texto, comparada com sua narrativa escrita para o formato de um livro, o que é objeto desta resenha.

De modo geral, pode-se dizer que o conjunto dos textos perpassa e, em certos sentidos, se detém em diferentes aspectos dos eixos ou vertentes do pensamento de Foucault, que se configuram na arqueologia do saber, na genealogia do poder e na genealogia da ética, modo de distribuir seus escritos reconhecido pelo próprio pensador:

Os problemas que estudei são os três problemas tradicionais. 1) Que relações mantemos com a verdade através do saber científico, quais são as nossas relações com esses 'jogos de verdade' tão importantes na civilização, e nos quais somos simultaneamente sujeitos e objetos? 2) Que relações mantemos com os outros, através dessas estranhas estratégias e relações de poder? Por fim, 3) Quais são as relações entre verdade, poder e si mesmo? (Foucault, 2004, p.300).

Claro que não se pode deixar de considerar que, em certo sentido, cada eixo azeita os demais ou cada vertente desemboca nas outras, com seus deslocamentos próprios e problematizações específicas. Assim, indo da ética à verdade, de jogos de verdade a relações de poder, de efeitos políticos à instituição de saberes e à constituição de subjetividades, a coletânea é organizada em três diferentes partes que transitam de diferentes modos pelos três momentos do pensamento de Foucault. A primeira, intitulada *Poderes (da escrita) para pensar a educação* está mais voltada para a temática do poder na relação da produção de verdades e, mais especialmente, numa perspectiva que faz um recorte temático da educação.

Philippe Artières, no texto *A política da escritura: práticas do panóptico gráfico*, descreve, a partir da realização de uma pesquisa, o olhar policial disciplinador e controlador sobre grafites da Paris do final do século XIX, discutindo funções políticas da escritura nas

instituições disciplinares que concentram processos de aprendizagem e de exames, de maneira que trata a obra *Vigiar e Punir*, lançada em 1975, como narrativa na qual se explora não só o nascimento da prisão, mas também o surgimento da prática da escritura na sociedade contemporânea.

No texto *Nas origens do biopolítico: de Vigiar e Punir ao pensamento da atualidade*, a autora, Judith Revel, apresenta uma discussão acerca do conceito da biopolítica, dirigindo também um outro olhar sobre o livro lançado por Foucault em 1975, recolocando-o numa outra dimensão no conjunto de sua obra ao apontar que a noção da biopolítica, como tipologia de poder que se aplica à vida e como expressão da potência da vida, já se encontra ali, de forma explícita, caracterizando-se como um elemento central para melhor compreensão dessa obra.

Em *Leituras da modernidade educativa. Disciplina, biopolítica e ética*, Edgardo Castro estabelece um entrecruzamento entre os conceitos de disciplina e de biopolítica, alinhando-os com outras noções do pensamento de Foucault, para propor o que chama de genealogia foucaultiana da educação, definida como a luta contra efeitos políticos de saberes totalizantes que se pretendem monolíticos, defendendo que essa genealogia acople a erudição aos saberes não sujeitados.

Na *oficina de Foucault*, Alfredo Veiga-Neto, inspirando-se na já clássica “recomendação” do filósofo de que sua obra, seus conceitos e noções devem ser utilizados como uma caixa de ferramentas, cria a metáfora da oficina de trabalho de Foucault, em cujo portal se lê: *Foucault desconcerta*. A partir disso, o autor discute algumas das várias possibilidades de abertura para a educação que o pensamento foucaultiano oferece, de maneira a apontar para a necessidade de desestabilização dos regimes da verdade sobre os quais tem-se alicerçado a educação e a escola.

O texto *Foucault, a escola, imprudência do ensinar*, de José Ternes, ao se guiar pela perspectiva de uma outra possibilidade da função da educação na sociedade como lugar de pensamento, entendido como trabalho e, por isso, afastando-se da missão utilitarista, empiricista, pragmatista, estabelece uma espécie de desconstrução da idéia cristalizada de que a educação e, especialmente a universidade, seja uma instituição a serviço da sociedade, constituindo-se num espaço de modernização e inovação tecnológica em função de formação de mão-de-obra.

A segunda parte do livro, denominada *Ética, verdade e acontecimento*, se detém em noções e conceitos que se encontram mais precisamente no “último Foucault” e tem como eixo a temática da ética, perpassando também as noções de verdade e de acontecimento. O texto que abre esse momento do livro é *Resistência e acontecimento. As palavras sem centro*, de Eugénia Vilela, no qual é apresentada uma discussão sobre o acontecimento, entendido como irrupção de uma singularidade histórica, que nunca pode ter uma programação, uma previsão ou decisão pré-estabelecida, sendo, portanto, singular. Segundo a autora, pensar a atualidade enquanto tal é pensá-la como resistência a toda idéia de finalidade, pois é na intensidade do instante que se encontra o centro a resistência.

No texto *Um mestre sem verdade? Retrato de Foucault como estóico paradoxal*, Mathieu Potte-Bonneville matiza o pensamento de Foucault numa certa dimensão educacional, ao

tencionar o paradoxo entre ser discípulo e ser mestre, aprender e ensinar. Se, de um lado, Foucault, por meio de suas próprias preocupações, relê conselhos de antigos mestres (especialmente os estóicos), por outro lado, possibilita que se faça uma leitura de seu pensamento por meio daqueles mestres, propondo uma espécie, segundo o autor, de auto-retrato como estóico paradoxal.

Jorge Dávila explora, em *Ética da palavra e vida acadêmica*, a idéia da ética da palavra como uma constituição histórica de exercício filosófico, balizado pela política e pela moral, no qual a coragem de dizer a verdade se destaca na complexidade da relação que se estabelece entre o conhecimento da verdade e a verdade sobre si no delineamento de uma ética da palavra, característica daquele que se esforça em fazer da própria vida uma autêntica vida acadêmica.

Sílvio Gallo, no texto *Cuidar de si e cuidar do outro: implicações éticas para a educação dos últimos escritos de Foucault*, ao considerar o problema do sujeito como fulcral na obra de Foucault e a transversalização que o filósofo opera ao transitar pelos campos da epistemologia, da política e da ética, aponta conexões possíveis da ética do cuidado de si com questões educacionais, de maneira a indicar a importância do que chama de “educações menor”, que opõe-se às formas de “educação maior” prescrita em planos e ações de educação governamentais marcadamente caracterizados por uma heteronomia e práticas de assujeitamento.

Em *Reabilitação da concepção de Filosofia como ascese no pensamento tardio de Foucault*, Vera Portocarrero apresenta uma discussão acerca do recuo histórico que o filósofo faz à Antigüidade greco-romana para problematizar a filosofia como ascese numa espécie de reabilitação e não como mimetização ou transposição para a atualidade. Trata-se de uma forma que Foucault utiliza para voltar-se para o tempo presente por meio de uma atitude e de um exercício filosófico que interroga sobre o que estamos fazendo de nós mesmos. A importância desse empreendimento, destaca a autora, é a possibilidade da visão do trabalho de elaboração da ascese como uma estética da existência, na qual a arte ganha uma dimensão de prática moral e política, do ponto de vista do exercício do pensamento, de modo que se descortinam novos exercícios de possibilidade de um sujeito com capacidade de recusa e resistência às normalizações de um superpoder que sobrepuja a constituição do sujeito moderno.

Na terceira e última parte do livro, cujo título é *Foucault, entre conceitos e outros contemporâneos*, há um elenco de textos que tem como eixo possíveis interlocuções entre conceitos pertencentes à obra de Michel Foucault e proposições teóricas de outros autores.

No texto *Eu não quero trabalhar! No limiar do trabalho que enoda as palavras e as coisas na obra de Michel Foucault*, Eric Lecerf desenvolve análises sobre a noção de trabalho, referindo-se tanto ao próprio trabalho de Foucault como professor, pesquisador e escritor obstinado, como à presença dessa noção em sua obra. Destacando especialmente *As palavras e as coisas*, *Vigiar e punir*, *História de loucura*, e outras obras, para sublinhar o trabalho como elemento de compreensão do movimento de subordinação da vida às suas estruturas e funcionalidades, como mecanismo de gestão política dos corpos, como operador de uma função que define o aparecimento da loucura como inexistência de obra, entre outros

vários complexos aspectos.

Andrea Benvenuto, em *O surdo e o inaudito. À escuta de Michel Foucault*, apresenta um estudo que discute a surdez e a definição do surdo, que só passa a existir a partir do momento em que se relaciona com os outros que escutam ou não querem ouvir. Mostra que a surdez, se apenas referida ao ouvido que não funciona, desloca o campo semântico para uma dimensão em que a audição não é outra coisa se não um pretexto para o estabelecimento de relações de saber-poder entre ouvintes e surdos, tratando-se muito mais de olhar do que de ouvir.

Diogo Sardinha, no texto *Reinventando o sujeito e a crítica. Os antigos, Kant e Baudelaire*, discute a temática do sujeito e da renovação da compreensão da crítica em Foucault através do diálogo que estabelece entre seu pensamento, o de Kant e o de Baudelaire, passando pela antiguidade greco-romana e por Nietzsche. Para o autor, a inscrição de Foucault na linhagem de Kant e de Baudelaire o torna inteiramente moderno, à medida em que se distancia do anti-moderno Nietzsche.

Sob o argumento de que, entre os filósofos considerados pós-estruturalistas, os que têm maiores convergências são Michel Foucault e Gilles Deleuze, Antônio Cavalcanti Maia, no texto *O agenciamento Foucault/Deleuze*, explora elementos da leitura do pensamento de Foucault realizada por Deleuze, tendo como propósito uma melhor compreensão dos objetivos de seu empreendimento teórico. O texto focaliza cogitações de Deleuze sobre tarefas filosóficas no quadro geral do pensamento contemporâneo, tendo como referência suas reflexões sobre Foucault e sua obra, de modo que realiza um agenciamento entre os dois pensadores, o que, para o autor, pode ser uma contribuição para a compreensão da cultura contemporânea.

Ainda conectando o trabalho dos dois filósofos, no último texto do livro, Ricardo Arcos-Palma, em *Foucault e Deleuze: a existência como uma obra de arte*, mostra como a arte constitui um pré-texto para a elaboração do pensamento filosófico de ambos os pensadores, sendo evidenciada a relação entre pensamento e sensibilidade para a compreensão da possibilidade de se assumir a existência como obra de arte.

Além desses textos que compõem o livro, também deve ser destacada a apresentação feita a quatro mãos pelos organizadores, José Gondra e Walter Kohan, em que — afora a apresentação dos textos, propriamente dita, e uma vasta referência bibliográfica, que também funciona como sugestão de obras para aqueles que se interessam em aprofundar estudos sobre o pensamento foucaultiano — é feito um apanhado que objetiva situar a recepção e circulação da obra de Foucault no Brasil em variados campos de conhecimentos.

Para tanto, são postos em evidência aspectos da trajetória de Foucault e de seu pensamento, considerando suas viagens, de modo especial suas cinco vindas ao Brasil, como dispositivos que consolidaram e alargaram a difusão e apropriação de seu pensamento em território brasileiro, bem como traduções de obras suas e a edição de livros sobre seu pensamento que marcaram e se constituíram efeito desse e nesse processo de acolhida ou mesmo de divergência, de sua obra.

Os organizadores discutem, ainda, a relação entre verdade e experiência na

contraposição que o próprio Foucault faz entre livros-verdade e livros-experiência, em que nos primeiros prevalece a idéia de transmissão de um conhecimento verdadeiro, de uma legitimação daquilo que já se sabe, na reafirmação de uma autoria, enquanto que, nos segundos, tem-se como sentido a problematização da verdade na transformação daquilo que se pensa e daquilo que se é.

Daí, encetam analogias dessa distinção entre verdade e experiência para colóquios-verdade e colóquios-experiência, educação-verdade e educação-experiência, currículos-verdade e currículos-experiência, aulas-verdade e aulas-experiência, de maneira que a oposição, em quaisquer casos, acontece entre uma concepção que sedimenta e estabiliza e outra que abala e trinca, entre uma que traz a legitimação e a consagração do que foi pensando e outra que provoca a suspeição e suspende a certeza, levando a outra(s) forma(s) de pensar.

Nessa perspectiva, é possível afirmar com os organizadores (e com Foucault) que o livro *Foucault 80 anos* constitui-se num livro-experiência não só pelas temáticas e abordagens que traz, mas, sobretudo, pelas problematizações que são propostas, arruinando a verdade como um dado natural, transcendental. É um livro cujos textos não trazem um senso de progressão para uma teleologia apaziguada e apaziguadora no regozijo do espírito, mas mostram rupturas, descontinuidades quebradiças e instáveis em que o tempo faz do provisório seu lugar, de sorte que acolher a sua leitura nessa relação problematizadora com o pensamento e a verdade é, certamente, constituir-se um leitor-experiência, nômade em sua(s) identidade(s) e estrangeiro de seu próprio pensamento, um leitor que, depois de mergulhar na leitura do livro, no todo ou em parte, em algum sentido ou aspecto, terá sido transformado.

Por tudo isso, o livro (assim como o Colóquio do qual resultou), ao contrário de outros livros (e eventos) que, em geral, comemoram a morte ou o aniversário de morte, é mais que uma homenagem pela passagem dos 80 anos de seu nascimento, 15 de outubro de 2006. É uma celebração à vida, uma celebração à vida do pensamento de Foucault, à presença de suas contribuições teórico-práticas em diversificados campos de saber. É uma celebração à vida que pulsa e impulsiona ao desprender-se de si mesmo, ao ser diferente daquilo que se é.

Referências

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Coleção Ditos e Escritos, V. Manoel de Barros da Motta (org.). Tradução: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *Verdade, poder e si mesmo*. In.: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Coleção Ditos e escritos V. Manoel de Barros da Motta (org.). Tradução: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 294-300.

MUCHAIL, Salma Tannus. *Foucault, simplesmente — textos reunidos*. São Paulo: Loyola, 2005.

Recebido em Maio de 2007
Aprovado em Junho de 2007